Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

PROCESSOS CRIATIVOS E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ABERTURA À CRITICIDADE E À SENSIBILIDADE

CREATIVE PROCESSES AND AESTHETIC EXPERIENCE IN HIGHER EDUCATION: REFLECTIONS ON ART AS A DIDACTIC RESOURCE FOR OPENING UP CRITICALITY AND SENSITIVITY

PROCESOS CREATIVOS Y EXPERIENCIA ESTÉTICA EN LA ENSEÑANZA SUPERIOR: REFLEXIONES SOBRE EL ARTE COMO RECURSO DIDÁCTICO PARA LA APERTURA A LA CRITICIDAD Y LA SENSIBILIDAD

Maria Rita Barbosa Piancó Pavão
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Caruaru/Pernambuco, Brasil

Mário de Faria Carvalho
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Caruaru/Pernambuco, Brasil

Resumo

Este ensaio apresenta reflexões impulsionadas por duas experiências docentes vivenciadas e promovidas na Universidade Federal de Pernambuco, que se encontram pela proposta de utilização da arte para fomento do pensamento crítico. Partimos do seguinte questionamento: como a experimentação artística pode ser utilizada no Ensino Superior para a promoção de uma educação sensível e crítica? As pistas da abordagem cartográfica, qualitativa, nos orientam. O mapa é sugestivo da articulação razão-sensibilidade como caminho educativo que desloca os conhecimentos acadêmicos da suposta neutralidade e promove, através do que podemos chamar de atitude investigativo-criativa, processos subjetivantes e de contato com a alteridade radical.

Palavras-chave: Arte; Educação Superior; Pensamento Crítico.

Abstract

This essay presents reflections driven by two teaching experiences at the Federal University of Pernambuco, which are based on the proposal to use art to foster critical thinking. We started with the following question: how can artistic experimentation be used in higher education to promote a sensitive and critical education? We are guided by clues from the qualitative cartographic approach. The map is suggestive of the articulation between reason and sensitivity as an educational path that displaces academic knowledge from its supposed neutrality

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó Pavão; CARVALHO, Mário de Faria. PROCESSOS CRIATIVOS E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ABERTURA À CRITICIDADE E À SENSIBILIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-18, Junho, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

and promote, through what we can call an investigative-creative attitude, subjectivizing processes and contact with radical otherness.

Keywords: Art; Higher Education; Critical Thinking.

Resumen

Este ensayo presenta reflexiones impulsadas por dos experiencias de enseñanza en la Universidad Federal de Pernambuco, que se basan en la propuesta de utilizar el arte para fomentar el pensamiento crítico. Partimos de la siguiente pregunta: ¿cómo utilizar la experimentación artística en la enseñanza superior para promover una educación sensible y crítica? Nos guiamos por las pistas de un enfoque cartográfico cualitativo. El mapa es sugerente de la articulación entre razón y sensibilidad como vía educativa que desplaza al conocimiento académico de su supuesta neutralidad y promueve, a través de lo que podemos llamar una actitud investigativa-creativa, procesos subjetivantes y de contacto con la alteridad radical.

Palabras clave: Arte; Enseñanza Superior; Pensamiento Crítico.

Introdução

O que fazer quando a experiência da pesquisa em arte e através da arte convive com a função docente em cursos de graduação que priorizam a formação técnica em detrimento do pensamento crítico, o racionalismo em detrimento do sensível? Foi essa pergunta que, em momentos e em áreas de conhecimento distintos, fizemos e que nos levou a buscar estratégias didáticas para diminuição do abismo posto entre as referências teóricas que acreditávamos potentes e os aspectos contemporâneos da formação superior, aos quais Marilena Chauí (2001) engloba sob o termo universidade de resultados.

Este ensaio não é um relato de experiência, mas assume duas experiências como caminho para desenvolver reflexões teóricas que repensem a formação e a docência, especialmente no Ensino Superior, mediante a utilização da arte como elemento didático. A primeira, vivenciada há mais tempo e a partir da qual foi pensado o *método persona* (Carvalho, 2019), ocorre em turmas de Design, na disciplina de Estética e Plástica; a segunda, mais recente, foi proposta em turmas

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

de Elementos de Sociologia dos cursos de Engenharia Civil e de Engenharia de Produção.

Ambas estão vinculadas à atuação docente dos autores no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco, de modo isolado, mas que se encontraram na experiência da pesquisa[1] e que acreditam na possibilidade de teorizar desde aspectos compartilhados entre as duas propostas. Desse modo, nos questionamos como a experimentação artística pode ser utilizada no Ensino Superior para a promoção de uma educação sensível e crítica, seja nas Ciências Humanas ou nas Ciências Exatas, pois contraposta à disciplinarização do conhecimento.

Ao assumirmos nosso lugar enquanto pesquisadores e docentes, elucidamos a inevitável perspectivação do conhecimento aqui produzido (Larrosa, 2014), o que não interfere em sua cientificidade. Portanto, concebemos a escrita deste ensaio como experiência em-si-mesma, que retoma experiências anteriores para promover outros e novos processos de subjetivação através da construção de redes conceituais, de um mapa teórico-experiencial que é parcial em sua proposta de abrangência. A cartografia, *hódos-meta* embasada no pensamento deleuzo-guattariano (Deleuze; Guattari, 2011; Passos; Kastrup; Escóssia, 2009), contribui para a tecitura das linhas que seguem e permite pensarmos que a Educação se faz, principalmente, na errância e no caminhar.

No entanto, é um caminhar parcialmente orientado em direção ao desejo de articular, tanto quanto possível, os pressupostos de uma Educação crítica, que resgate a potencialidade das universidades como espaço fértil para a atitude filosófica; de uma Educação sensível, que destitua os pilares da estrita racionalidade e que valorize a abertura ao mundo como atitude produtora de saberes; e de uma Educação transformadora, ao nível subjetivo e social. A arte nos serve, nesse intento, como liga que pode aproximar tais pressupostos.

Este ensaio está organizado da seguinte maneira: inicialmente, apresentaremos os conceitos e as(os) autoras(es) que contribuem para a leitura das experiências propostas para, em seguida, apresentá-las e discorrer acerca das

[1] Em outros trabalhos conjuntos (Pavão, 2022; Pavão; Carvalho, 2022; Pavão *et al.*, 2023), temos retomado as reflexões presentes neste texto para pensar a interface educação-arte-sensibilidades de modo mais abrangente.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

reverberações percebidas junto às(aos) alunas(os), respeitados os limites éticos que nos impedem de divulgar informações pessoais sem que haja prévia autorização. Acreditamos que, durante essa trajetória, podemos apresentar reflexões contributivas para o desenvolvimento de outros projetos e de outras reflexões no âmbito do Ensino Superior, capazes de desenhar outros presentes e outros futuros frente aos que atualmente se desenham.

Experiência estética, criatividade e pensamento crítico: contribuições teórico-filosóficas para a Educação

Podemos atribuir à existência a condição de acontecimento estético complexo e amplo, cujas manifestações nos formam e formam o mundo que nos cerca. Esse paradigma rompe com pressupostos filosóficos que, na tradição ocidental, limitaram ou criticaram a estética com base na Beleza enquanto transcendência, da qual as manifestações estéticas são sempre representações imperfeitas porque corpóreas (Suassuna, 2013). A metafísica platônica condenou à impureza tudo aquilo o que escapava da razão e afastou a potencialidade do acontecimento estético do âmbito do conhecimento filosófico.

Essa narrativa perpetuou, ainda que expressa de diferentes maneiras, a vinculação entre a razão e a Verdade como objetivo a ser perseguido na produção do conhecimento, em detrimento dos impulsos emocionais. Com o cartesianismo, essa vinculação se aprofundou a tal ponto que o Sujeito do conhecimento, além de racional, tornou-se figura universal e neutra. O iconoclasmo endêmico, descrença e repulsa às imagens como expressão estética (Durand, 2014), foi um de seus efeitos.

O afastamento entre a ciência no geral, a filosofia no particular e a estética foi diagnosticado e criticado por Friedrich Schiller (2002) através de uma série de cartas nas quais prega por uma Educação Estética como caminho para o retorno à natureza humana, pois considera os impulsos racional e estético como constitutivos do ser. Embora renunciemos aos pressupostos do pensamento kantiano, que servem a Schiller no desenvolvimento de seus argumentos, a

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Educação Estética valoriza a sensibilidade e a imaginação, sem desconsiderar o pensamento.

Anos mais tarde e em outro contexto, María Zambrano (2021) também empreendeu um caminho reflexivo no sentido de aproximar a atitude filosófica à atitude poética, esta manifestação estética. Zambrano tenta salvar o pensamento platônico e encontra brechas através das quais podem ser formadas zonas de aproximação entre a razão e a sensibilidade, duas atitudes constitutivas de sentido frente ao mundo. Para Nietzsche (2007), ao contrário, essa possibilidade deixou de existir justamente com o surgimento da tradição platônica e uma tal aproximação exigiria o retorno ao helenismo, no qual a razão e o desejo não se opõem, assim como Apolo e Dioniso existem na medida em que se complementam.

De acordo com Foucault (2006), desde o "momento cartesiano" o poder tem operado e se aperfeiçoado de modo a manter o paradigma racionalista como única direção para o binômio sujeito e verdade. Embora os discursos produzidos pela Antiguidade Ocidental já tratassem da razão como caminho para alcance da verdade ("conhece-te a ti mesmo"), este envolvia outros processos, abarcados pelo "cuidado de si" e propositalmente esquecidos a partir do momento cartesiano.

"O cuidado de si é uma espécie de aguilhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravados na sua existência, e constitui um princípio de agitação, um princípio de movimento, um princípio de permanente inquietude no curso da existência", nos diz Foucault (2006, p. 11). Em outros termos, é um princípio estético, se compreendermos a estética como a forma impermanente de ocupar-se do mundo e de si-mesmo, de elaborar sentidos sobre a própria existência a partir do contato com o que nos rodeia. O mesmo paradigma que elevou a racionalidade à condição de acesso à verdade provocou o afastamento do sensível e esvaziou a *ascese* filosófica de seu elemento mais transformador: a estética.

Porém, é com base em Félix Guattari (1992) e em Michel Foucault (2006) que formulamos a noção de estética aqui utilizada, na qual se destaca a potencialidade de subjetivação quando tornada experiência coletiva. Segundo os autores - mesmo diante do individualismo exacerbado, dos inegáveis efeitos da técnica e do progresso nas subjetividades, do "anestesiamento" dos corpos em

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

razão do capitalismo (Rolnik, 2021) –, enuncia-se, na contemporaneidade, um impulso coletivo potente, a partir do qual Guattari (1992) fala em paradigma estético e Foucault (2006) na estética da existência.

> A potência estética de sentir, embora igual em direito às outras – potências de pensar filosoficamente, de conhecer cientificamente, de agir politicamente -, talvez esteja em vias de ocupar uma posição privilegiada no seio dos Agenciamentos coletivos de enunciação de nossa época (Guattari, 1992, p. 130).

Essa potência estética não é limitada à expressão artística, é um agenciamento que nos processos de subjetivação promove desterritorializações e (re)territorializações e que desenha os contornos das subjetividades de modo interrelacional, imanente e dinâmico (Deleuze; Guattari, 2011). Por conseguinte, a arte não detém as propriedades da potência estética, não as encerra, embora se aproxime de recursos que podem viabilizá-la mais frequentemente. A abertura à imaginação como atitude da qual depende a criação é um deles.

Quando a potência estética se desloca e se manifesta em outros contextos, conectada às potências filosófica, científica, política etc., a vida se torna uma obra de arte, teatraliza-se. Os impulsos apolíneo e dionisíaco (Nietzsche, 2007), os impulsos formal e sensível (Schiller, 2002) fragmentam o Sujeito e a existência passa a ser vivenciada como multiplicidade. A noção de arte deixa de estar vinculada aos enquadramentos disciplinares do campo de atuação técnica e compreende tudo o que promove uma abertura ao mundo através dos sentidos e que dá sentido a esse mundo por intermédio da razão.

Arte como experiência humana profunda, de modo que o ser consciente não existe distante do ser sensível e do ser cultural quando compreendemos que qualquer ação é potencialmente criativa (Ostrower, 2014). Não queremos, com isso, contribuir para os estigmas ainda existentes e que desmerecem as formações no campo das artes; Fayga Ostrower (2014), ao mesmo tempo em que atesta a criatividade como impulso humano, também trata do domínio da técnica como essencial no direcionamento do fazer artístico. Retiramos dessa noção apenas o que diz respeito à experimentação artística, aos processos de criação, que independem da técnica e que representam uma forma de agenciamento.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Nos processos educativos, essa noção (trans)forma a maneira como concebemos o conhecimento, tradicionalmente atrelado aos outros impulsos e afastado do impulso estético, pois acessamos uma compreensão a respeito da aprendizagem que somente passa pela cognição e nela não se finda. Assim como a considerada arte pode não contemplar os impulsos estéticos, aquilo o que não é considerado arte propriamente dita pode promover a abertura estética através da qual o conhecimento é produzido na relação razão-sensibilidades.

Para Deleuze (2022), são os signos artísticos que promovem essa abertura nos processos de aprendizagem. O contato com os signos artísticos possui potencialidade para criar *afectos*, *perceptos* e *conceptos* que agem em conjunto, de modo a relacionar emoções, memórias, imaginações, sentidos e conceitos na formação do conhecimento. É o estágio mais profundo da aprendizagem – não o mais importante – e para o qual os processos criativos podem servir como catalisadores.

O conhecimento é sempre criação. O que ocorre com frequência é o condicionamento da aprendizagem a estruturas rígidas que valoram determinados conhecimentos, supostamente finais e imutáveis, e que fomentam o apreço pelo utilitarismo técnico e econômico como teleologia dos processos educativos. Tal condicionamento não é absoluto, dada a imanência criativa que constitui o próprio conhecimento, e é nessa zona excedente que se localiza este texto. Acreditamos na possibilidade de proporcionar experiências educativas através das quais se vislumbre outra Educação, mais próxima dos preceitos emancipatórios defendidos por Paulo Freire (1981) e para quem a curiosidade e a criatividade são instrumentos políticos essenciais para a transformação.

Enquanto docentes, esperamos vivenciar a experiência estética no ensinar e pensar em caminhos e estratégias para tornar as salas de aula espaços onde essa experiência integra o conhecimento esperado pelos currículos de nossas disciplinas. “Educar é substancialmente formar” (Freire, 2011, p. 25), e formar é um acontecimento estético que ocorre nas relações, demanda a abertura ao que nos cerca e que ocorre, em primeiro lugar, por meio das sensibilidades e somente depois adquire sentido por intermédio da razão. Desejosos dessa “boniteza”, temos experimentado algumas atividades junto às(aos) nossas(os) alunas(os). Não

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

podemos falar em resultados, voláteis e imprevisíveis, apenas compartilhar as experiências com quem, assim como nós, tem tentado trilhar outros caminhos.

Processos criativos no Ensino Superior: algumas considerações a partir da arte como ferramenta didática

Se o conhecimento científico como um todo é afetado pelo distanciamento entre razão e sensibilidades, há algumas áreas do conhecimento onde esse distanciamento é proclamado com maior frequência e ênfase, como ocorre nas formações localizadas no campo das Ciências Exatas e da Natureza. A representação numérica dos acontecimentos, a princípio, valoriza processos de objetivação que são perseguidos por docentes e discentes que se dedicam a compreendê-la, o que por si só não deveria supor a exclusividade racional. Se tomarmos como exemplo a trajetória pessoal e teórica de Gaston Bachelard (2019), veremos que as ciências, por mais “duras” que sejam, desenvolvem-se sobre imagens subjetivas e subjetivantes que escapam ao domínio racional.

As formações situadas nas Ciências Humanas, disciplinarmente contrapostas, têm acompanhado esse afastamento, ainda que a passos lentos e muitas vezes de modo não proclamado. O pragmatismo e o utilitarismo que caracterizam as múltiplas esferas da contemporaneidade está se infiltrando na formação superior, inclusive nas universidades públicas, e direcionando a escolha de conteúdos e de metodologias de acordo com as demandas do capitalismo (Chauí, 2001). Nelas, a arte e o pensamento crítico não têm espaço, pois, diferentemente do que reflete Deleuze (2002), perder tempo não é sinônimo de aprendizagem.

Assim, é um panorama que abrange a Educação como um todo e que se adequa aos diferentes contextos e às diferentes modalidades nos quais é promovida. No caso da Educação Superior, o direcionamento linear que o compreende como porta de entrada para o mercado de trabalho tende a aprofundar as “nódoas” do capitalismo passíveis de ser vislumbrados desde o Ensino Básico e que colocam em evidência os parâmetros neoliberais na

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

promoção de processos educativos (Mészáros, 2012) e os seus efeitos subjetivantes (Rolnik, 2021; Deleuze; Guattari, 2019).

Pensando nisso, e libertos o tanto quanto possível das amarras dos sistemas disciplinares que compartimentalizam os saberes, temos sugerido atividades que chamam à criatividade como caminho para deslocamento dos termos técnico-racionalizantes que limitam o conhecimento. Atividades pensadas em tempos e contextos distintos, voltadas a públicos-alvo e com propostas também diferentes, mas que se encontram pela utopia transformadora da Educação através da experiência estética.

A primeira, mais antiga, já foi contemplada por Carvalho (2019) em texto anterior. A proposta aplica e aprimora, a cada turma, o *método persona*, desenvolvido pelo mesmo pesquisador-professor com base nos pressupostos teóricos de Michel Maffesoli, Gilbert Durand, Eugène D'Ors e Augusto Boal. Professor desde 2009 do curso de Design da Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste, propõe a articulação entre as abordagens teóricas clássicas e contemporâneas acerca da estética; a abertura sensível a si e ao mundo através da escuta musical atenta; a produção de imagens despertadas pela imersão anamnética e subjetivante; e a (trans)formação dessas imagens sob a forma de *máscaras*, performativas das *personas* vivenciadas pelas(os) alunas(os).

A atividade ocorre em diferentes etapas, experienciadas no decorrer da disciplina, e a culminância ocorre com a apresentação das máscaras no coletivo, momento em que muitas narrativas vêm à tona e indicam pistas a respeito das reverberações dessa experiência estética na formação individual e acadêmica das(os) alunas(os) de Estética e Plástica. Embora seja um curso das Ciências Humanas em que a imagem e a criação são valorizadas, há muita resistência quando a *arte* é evocada, pois a busca pelo *produto* é mais coerente com o panorama tecnicista sobre o qual temos refletido.

As máscaras não são produto, nem objeto da disciplina. São *o espelho de Narciso* (Carvalho, 2019), a troca que ocorre ao nível do imaginário e que Durand (2012) chama de trajeto antropológico, a constante interação entre os impulsos subjetivos e as emanações do meio cósmico e social. As narrativas das(os)

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

alunas(os) tratam de memórias, de emoções – muitas compartilhadas -, de vislumbres de outras possibilidades de existir e de pensar o mundo, assim como o próprio campo de atuação acadêmico-profissional.

As máscaras portam os nomes dos sentimentos que expressam. Junto a elas, as(os) alunas(os) apresentam um objeto fetiche, de memória, algo material que tenha valor sentimental para a pessoa que veste e é a máscara. A ideia de fetiche, desvinculada da fetichização promovida pelo capitalismo na troca do ser pelo ter, resgata a expressão mais interna do desejo e leva-as(os) a vasculharem os recônditos da memória e do espaço físico na busca por algo que seja o desejo mesmo posto para fora, vulnerável.

A segunda atividade foi (re)formulada durante, aproximadamente, um ano e foi proposta em quatro turmas, duas de Engenharia de Produção, uma de Engenharia Civil e uma do Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia, também do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Docente da disciplina de Sociologia nesses cursos, de modo intermitente, a outra autora deste ensaio foi instigada a pensar em como as leituras e as discussões acessadas na Pós-graduação, quando a arte se tornou mais do que um objeto e converteu-se em experiência pela pesquisa, poderiam ser inseridas em currículos predominantemente técnicos.

Enquanto trabalho final da disciplina, as(os) alunas(os) foram convidadas(os) a elegerem livremente um fenômeno social sobre o qual iriam se debruçar. Para combinar a experiência da pesquisa científica aos processos criativos, a análise do fenômeno escolhido precisava ser feita com base em parâmetros metodológicos previamente debatidos e típicos dos estudos de caso e dos estudos de campo e atender aos limites éticos impostos às pesquisas com seres humanos, ainda que de modo interno à disciplina. Assim, as(aos) alunas(os) precisaram obter expressa autorização das pessoas selecionadas para o estudo e compreender, de modo antecipado, as condições para que o contato ocorresse de modo respeitoso e que tornasse protagonista a narrativa das(os) participantes.

A presença da arte como recurso didático está presente no segundo requisito. Diferentemente das atividades de pesquisa tradicionais, nas quais são produzidos textos de natureza acadêmica, o contato com as experiências das(os)

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

outras(os) através da escolha de dado fenômeno social somente poderia ser apresentado sob alguma das seguintes formas: o de um texto literário (poesia, crônica, conto, romance etc.); o de uma produção audiovisual (curta-documentário, documentário etc.); ou o de um ensaio fotográfico, no qual as imagens dialogam entre si e são registradas pelas(os) próprias(os) alunas(os).

Na maioria, são discentes que não têm contato frequente com a arte e quase todas(os) não vivenciam a criação artística em seu cotidiano. São comuns narrativas que atestam para a inexistência de produções anteriores e para a percepção de que a proposta feita na disciplina foi responsável pelo desvelamento da capacidade criativa pessoal. Além disso, muitas das produções colocam em evidência realidades distantes, vivenciadas por pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade e que, segundo as(os) alunas(os), não eram percebidas anteriormente ou, se percebidas, não eram refletidas.

Dentre as turmas, as produções tocam em diferentes fenômenos, nas quais aparecem como fragmentos enquadrados pela perspectiva de suas/seus autoras(os). Produções que discutem sobre hegemonia cultural; gentrificação; adoecimento mental; desigualdades de classe, de raça, de gênero e de sexualidade; movimentos de cultura popular; ocupação urbana; migração; entre outros, sempre a partir das narrativas colhidas em contato com outras pessoas que, dentro ou fora dos muros da universidade, os vivenciam no cotidiano.

As duas propostas, portanto, são pensadas a partir da intersecção entre as subjetividades e o coletivo. No método persona, essa intersecção aparece nas imagens produzidas enquanto desenho e máscara, símbolos que recuperam arquétipos dentro de narrativas produzidas no interior de contextos culturais específicos. Na proposta sociológica de pesquisa-criação, a alteridade é o ponto de partida através das(os) quais as(os) alunas(os) se (re)inventam e se localizam frente às narrativas das(os) outras(os). A escuta atenta e respeitosa gera imagens-visuais ou imagens-palavras que, mesmo que acompanhadas da captação em áudio, são contornos pensados em processos de subjetivação provocados pela abertura à experiência.

Para Jorge Larrosa (2015), experiência não é o que acontece e o que passa, mas o que *nos* acontece, o que *nos* passa. A sala de aula é para nós, em

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

muitos momentos, o espaço onde educamos os sentidos (Alves, 2011) para que a realização dessas atividades se torne experiência que atravessa as(os) alunas(os), não apenas o seu registro. Certamente, o processo de aprendizagem não depende exclusivamente de nós nem dos termos de nossas propostas; em tempos de difusão de imagens rápidas, que aparecem desassociadas de qualquer experiência corpórea, nem sempre a experiência estética é vivenciada e não esperamos mesmo que seja, ao menos não da mesma maneira a todas(os).

Vivemos em um tempo de pobreza de experiências, no qual o desaparecimento gradual da narração como forma de se relacionar com o mundo e com o passado é aspecto de uma nova barbárie que assola as sociedades contemporâneas. Como diagnostica Walter Benjamin (2019, p. 87):

> Pobreza de experiência: a expressão não significa que as pessoas sintam a nostalgia de uma nova experiência. Não, o que elas anseiam é libertar-se das experiências, anseiam por um mundo em que possam afirmar de forma tão pura e clara a sua pobreza, a exterior e também a interior, que daí nasça alguma coisa que se veja. E também não são sempre ignorantes ou inexperientes. Muitas vezes é o contrário que se verifica: tiveram de “engolir” tudo isso, a “cultura” e “o Homem”, e ficaram saturadas e cansadas.

O racionalismo, o tecnicismo e outros deles derivados *ismos* promoveram o anestesiamento difuso das subjetividades, de modo que temos agido como *zumbis* em nossas próprias culturas e diante das imagens que nela consumimos (Rolnik, 2021). As atividades propostas em nossas disciplinas tentam provocar o despertar para, somente assim, vislumbrar as possibilidades de transformação da realidade que atualmente nos cerca. A conscientização é o primeiro passo para uma Educação efetivamente transformadora (Freire, 2013), mas para que ela ocorra a razão não é o suficiente, como até então não o foi. É preciso *desejar*, e o desejo é sempre obra do sensível.

Considerações finais

Segundo Ostrower (1995; 2014), a percepção não é um acontecimento frente ao qual somos passivos, mas um processo altamente dinâmico, um conjunto

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

de forças em atividade. Na condição de força, é preciso que algo a impulsione, e esse algo pode advir de fatores externos ou internos à pessoa que se depara com o acontecimento a ser percebido, geralmente combinados. Através da percepção, enquadramos os acontecimentos e produzimos imagens singulares a seu respeito, cujos contornos são desenhados a partir das referências que obtemos ao longo da vida.

Os enquadramentos, mais do que definir o que está dentro da zona perceptiva, constitui os limites do que está fora, do que excede ao próprio enquadramento. Os sentidos que concedemos ao mundo são formados no interior de enquadramentos que nos localizam e que, embora dinâmicos, não podem ser renunciados: o que nos cerca é sempre parcial, mas é uma parcialidade que está vulnerável aos efeitos de outros e novos enquadramentos (Butler, 2015; Larrosa, 2014).

O mesmo ocorre com o conhecimento, pois é também perspectivado. A despeito das tradições filosófica e científica que procuram conceder, nas sociedades ocidentais, o *status* de neutralidade e de objetividade absoluta ao conhecimento, a produção dos saberes ocorre no interior de processos de subjetivação. Na seara do conhecimento, nada está posto e a naturalização somente oculta o caráter de criação que perfaz a aprendizagem. Assim, uma Educação transformadora depende da desnaturalização e do reforço aos processos criativos como práticas que apontam para outras possibilidades de vir-a-ser aprendente e ensinante.

Para tanto, a experiência estética é acontecimento potente. Se por um lado a arte não encerra as manifestações estéticas, por outro ela pode abrir os caminhos para o desenvolvimento de uma sensibilidade frente ao mundo capaz de (re)pensar o nosso lugar. Quando vivenciada no Ensino Superior, nas mais variadas áreas do conhecimento, transforma o próprio conceito de universidade e o papel que esta ainda tem para exercer na contemporaneidade. Fazemos das angústias de Larrosa (2015) as nossas, quando escreve que *esta* universidade, a que está posta hoje, não é a nossa – a das(os) professoras(os) com atitude filosófica – e que *outra* universidade é impossível.

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Utilizamos da arte como recurso didático para, talvez, encontrar no caminho filosófico-criativo uma oportunidade – basta uma – para "'des-alunizar' os alunos, 'des-professorizar' os professores e 'des-disciplinar' as disciplinas" (Larrosa, 2015, p. 128); para brincarmos com os papéis pré-estabelecidos e contribuir para que as(os) alunas(os) também desejem fazê-lo. As propostas do método persona e da pesquisa sociológica desde a experimentação artística, desenvolvidas em dois polos aparentemente contrapostos do pensamento disciplinar, têm esse desejo em comum.

Em um caso, através do contato com as zonas mais profundas do ser para acessar imagens coletivas e, a partir delas, (re)pensar as possibilidades de existência e a relação com o mundo. No outro, a partir da exposição a dor das(os) outras(os)[2] para deslocar a própria existência, para se (re)pensar diante de experiências diferentes e cogitar transformações na própria realidade a fim de transformar realidades alheias, de modo crítico e sensível.

Essa talvez seja a maior potencialidade dos espaços universitários, o papel que estes ainda têm por cumprir no presente e nos futuros possíveis daqui por diante. Retornamos a Marilena Chauí (2001) para complementar o que diz a respeito da lógica dos resultados: a universidade nem é assim, nem precisa ser assim. Antes de ser um lugar destinado à produção dos conhecimentos, é um território no qual a diferença se coloca em evidência, no qual podemos nos (re)inventar se nos abrirmos às provocações que a própria diferença nos faz cotidianamente, sejamos docentes ou discentes. A universidade é um palco de teatro, sobre o qual podemos teatralizar a nossa existência, assumir as *personas* e transformar o enredo que está posto diante de nós em favor da boniteza que é estar-junto.

Referências:

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais**. Campinas: Verus, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

[2] Referência à obra de Susan Sontag (2003).

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: BENJAMIN, Walter. **O Anjo da História**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARVALHO, Mário de Faria. A metáfora dos espelhos e a sua contribuição para o método persona: diálogo entre imaginário e barroco. *In*: LINS, Eunice; JUNCKLAUS, Heloísa (orgs). **Mídia, Cotidiano e Imaginário.** João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. São Paulo: Editora 34, 2022.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 4 ed. São Paulo: Editora WMF, 2012.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 6 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. *In*: FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

LARROSA, Jorge. Como entrar no quarto de Vanda: notas sobre a investigação como experiência (tendo como referência três filmes e alguns textos de Pedro Costa) e considerações sobre a investigação como verificação da igualdade (tendo como referência alguns textos de Jacques Rancière). *In*: MARTINS, Fabiana Fernandes Ribeiro Martins et al. **Encontrar escola**: o ato educativo e a experiência da pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó Pavão; CARVALHO, Mário de Faria. PROCESSOS CRIATIVOS E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ABERTURA À CRITICIDADE E À SENSIBILIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-18, Junho, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1995).

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó; CARVALHO, Mário de Faria. Afet(o)ações de um corpo na fenda: a estética do (des)caminho como possibilidade para o deslocamento sensível do pesquisar em Educação. *In*: RODRIGUES, Cibele Maria Lima Rodrigues; FERNANDES, Verônica Soares; LIRA, Zarah Barbosa (orgs.). **Relatos em educação**: experiências e vivências. 1 ed. Campina Grande: Realize, 2022, p. 84-89.

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó. **Pedagogias sensientes da memória**: caminhos possíveis a partir do encontro com as *arpilleras* chilenas. 2022. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea) – Centro Acadêmico do Agreste, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, 2024. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45920. Acesso em: 7 jul. 2024.

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó; MASSILON FILHO, Luís Massilon da Silva; CARDOSO, Fernando da Silva; CARVALHO, Mário de Faria. Cartografia e imaginário: encruzilhadas teórico-metodológicas nos territórios da pesquisa em educação. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 11, n. 28, set./dez. 2023. DOI: https://doi.org/10.33361/RPQ.2023.v.11.n.28.608. Acesso em: 7 jul. 2024.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia zumbi**. São Paulo: n-1 Edições; Hedra, 2021.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem numa série de cartas**. 4 ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SUASSUNA, Ariano. **Iniciação à estética**. 1 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

ZAMBRANO, María. **Filosofia e poesia**. Belo Horizonte: Moinhos, 2021.

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868

Recebido em: 06/09/2024.
Aceito em: 28/01/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Maria Rita Barbosa Piancó Pavão
Doutoranda em Educação Contemporânea - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, com período sanduíche na Facultad de Educación da Universidad Complutense de Madrid. Mestra em Educação Contemporânea - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico do Agreste, com período sanduíche na Facultad de Filosofía y Humanidades da Universidad de Chile. Especialista em Filosofia e Direitos Humanos - Universidade Candido Mendes. Bacharela em Direito - Centro Universitário do Vale do Ipojuca. Licenciada em Pedagogia - Universidade Católica de Brasília. Integrante d'O IMAGINÁRIO - Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa sobre Contemporaneidade, Subjetividades e Novas Epistemologias - G-Pense! (UPE/CNPq). Possui interesse nas áreas de Memória, Estética, Imaginário, Gêneros, Direitos Humanos.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-4541-021X
E-mail: mrbpianco@gmail.com

Mário de Faria Carvalho
Doutor em Sciences Sociales - Université René Descartes - Paris V (2008). Diplôme d'études Approfondies (DEA) em Sciences Sociales - Université de Caen Basse Normandie (2001). Graduação em Design - Ecole d'Architecture de Grenoble (1996) e pela Universidade Federal de Pernambuco (1992). Professor Associado Nível III do Núcleo de Design e Comunicação e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos da Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste. Foi Visiting Researcher no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2019). Líder d'O Imaginário - Grupo de Pesquisas Transdisciplinares sobre Estética, Educação e Cultura (UFPE-CAA/CNPq). Membro da Red Iberoamericana de Investigación en Imaginarios y Representaciones. Pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Imaginário (UFPE/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Narrativas Visuais (UFPE-CAA/CNPq). Possui interesse e orienta pesquisas sobre: Estéticas e Corporalidades Dissidentes, Sensibilidades, Subjetividade e Imaginário e Movimentos de Cultura Popular.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7071-2586
E-mail: mariofariacarvalho@gmail.com

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó Pavão; CARVALHO, Mário de Faria. PROCESSOS CRIATIVOS E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ABERTURA À CRITICIDADE E À SENSIBILIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-18, Junho, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 64, N. 64 (2025)
ISSN 2319-0868



Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

PAVÃO, Maria Rita Barbosa Piancó Pavão; CARVALHO, Mário de Faria. PROCESSOS CRIATIVOS E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES SOBRE A ARTE COMO RECURSO DIDÁTICO PARA ABERTURA À CRITICIDADE E À SENSIBILIDADE. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 64, N. 64, p. 1-18, Junho, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br